



■ Festa de entrega do Prêmio Shell de Teatro aponta os melhores profissionais do Rio e de São Paulo em noite animada. Página 2

Segundo Caderno

■ Paulo Francis chama César Maia de 'Debl e Lóide' e diz que Ipanema virou uma selva por causa da superpopulação. Página 5



Quinta-feira, 9 de março de 1995

O GLOBO

Rio de Janeiro

Metal leve flui em oceano prateado

Iole de Freitas põe sua marca construtiva no MNBA com esculturas imensas inspiradas na natureza

Marco Antônio Teixeira

WILSON COUTINHO

São cinco esculturas imensas, com seis metros de largura e dois metros de altura, que se espalham por uma área de quatro metros e meio no chão da Sala Século XXI, no Museu Nacional de Belas Artes, numa espécie de mar ondulado, transparente, efeito conseguido por meio de telas metálicas.

São os mais recentes trabalhos de Iole de Freitas, de 49 anos, que poderão ser vistos a partir das 18h30m da próxima terça-feira e que vão confirmar que a escultura brasileira vai muito bem obrigado. Estas obras — que a artista chama de “Teto no chão” —

nasceram depois de uma mostra coletiva de que Iole participou na cidade de Winnipeg, no Canadá, quando ela contemplava da janela do trem as longas planícies geladas do país.

Cultora, nos anos 70, da *body art*, Iole fazia referências ao corpo em suas obras. Desta vez, a natureza inspirou as ondulações, fazendo com que ela criasse seu oceano prateado. Além das telas, ela usa cobre manchado, latão ou ardósia. Sem se afastar da tradição construtiva brasileira, Iole faz uma obra que cada vez mais se afirma pelo toque pessoal e pela envolvente inteligência plástica. Em seu ateliê na Glória, a artista concedeu esta entrevista ao GLOBO.



A artista entre um dos trabalhos feitos basicamente com telas metálicas e inflados “Teto no chão”: obras de dois metros de altura na Sala Século XXI

O GLOBO — O que você pretende com esse trabalho?
IOLE DE FREITAS — Todos são sobre a mesma questão e chamo todas as peças de “Teto no chão”. Trabalho com essa espessura mínima que se supõe que exista no chão. As esculturas funcionam como lâminas suaves que vão percorrendo o espaço, flutuando muito próximas da superfície do chão e criando volumes vazados, com uma trama específica, porque

rem vistas. Mas acho que elas contêm todos os elementos latentes da escultura tradicional.

O GLOBO — Haveria alguma coisa feminina nestas obras?
IOLE — A melhor pessoa para responder a isto é sempre o outro. É o olhar do outro que vai dar ou não esta conotação ao trabalho. A única coisa que posso dizer é que o que faço hoje já estava presente nos anos 70.

dores que estão comprando. São poucos, mas muito atentos.

O GLOBO — Quando não vende, o que faz com esses trabalhos, que são enormes?
IOLE — É um trabalho. Até tem uns dos quais não gostamos de nos desfazer. Eu tenho este ateliê aqui na Glória e um bem menor em Copacabana. Há também galpões e depósitos de amigos onde posso guardá-los.

ter programas múltiplos. Há espaços institucionais que poderiam ser remodelados, prédios tombados, salas públicas em que uma instalação, por exemplo, poderia ser montada por um determinado período. Praças e jardins poderiam ser utilizados. Não sei caro, mas sempre falta vontade política. Depois reclamam que o povo não tem olhar preparado para se aproximar da arte contemporânea.

arte brasileira faz referências à Lygia Clark ou ao Helio Oiticica. Eles perceberam a marca construtiva e ficam impressionados com a escala e com a importância que o artista brasileiro dá aos materiais.

O GLOBO — No Brasil temos um matriarcado na arte, Anita Malfatti, Lygia Clark, Tarsila do Amaral, Lygia Pape. Por que isto aconteceu aqui?
IOLE — Temos de olhar a pro-

“Essas peças são desconfortáveis para quem busca nelas a tradição”

“Não sei como

uma trama específica, porque apenas essas tramas conseguidas com as telas metálicas permitem flexibilidade e leveza. Se fossem mais pesadas não permitiriam todos esses movimentos, que respondem ao meu gesto.

O GLOBO — Por que o espectador comum, sem entender muito de arte, vai achar que essas obras são esculturas?

IOLE — Não sei se olhando ou observando as obras vão reconhecer como trabalho escultórico. Em relação à obra que tenho exposta na escadaria do Paço Imperial, acho que tem uma referência escultórica mais imediata. Os atuais trabalhos lidam com duas questões com as quais a escultura normalmente não lida de uma vez só. Ou a escultura lida com o chão, quando ela vai em direção à verticalidade e possibilita ao espectador girar em torno dela, ou então a escultura fica instalada contra a parede, e as pessoas acham que são mais relevos. Trabalho com estas duas questões e não sei se o espectador vai achar que essas peças são esculturas de fato.

O GLOBO — Então o que são?

IOLE — São trabalhos que têm um teor escultórico, que têm uma escala que as pessoas não estão habituadas a reconhecer como uma escala escultórica, porque elas também não são instalações. O que elas trazem da escultura? Uma presença dentro do espaço real, a vontade de ativar o espaço, a vontade de interferir neste espaço e, ao mesmo tempo, manter questões que ainda têm um pé naquilo que as pessoas facilmente reconhecem como escultura. Elas lidam com o equilíbrio, com a gravidade, volumes que se projetam no espaço. Elas são desconfortáveis para as pessoas que vão buscar nelas a escultura tradicional, porque elas se esparramam pelo chão, não ficam no alto para se-

estava presente nos anos 70.

O GLOBO — Naquela época as mesmas perguntas eram feitas?

IOLE — Não acredito que haja diferenças entre o fazer estético masculino e o feminino. O pensamento estético tem uma autonomia. Ao mesmo tempo, ele é influenciado por toda a história da arte e também reflete a identidade daquele que fez a obra. Sendo o registro de um corpo feminino no mundo, fica difícil, já que não somos ETs soltos na estratosfera, dizer que algo feminino não apareça no trabalho.

O GLOBO — Você passou, nos anos 70, de uma obra que usava filmes e fotos para essas atuais que têm maior objetividade. O que aconteceu?

IOLE — Acho que absorvemos as idéias dos anos 60, 70 e 80, e essa obra atual seria um desembocar de todos os processos e as vivências anteriores. Tem uma coisa que sempre me deixa em dúvida: se eu não tivesse voltado para o Brasil em 78, ficasse na Itália, mergulhada na *body art* e no movimento feminista, talvez não fizesse o que estou fazendo agora. Ao retornar tive novamente o impacto da força construtiva brasileira, através do trabalho de Tunga, Walmécio Caldas e José Resende, e a discussão, que é riquíssima no Brasil, com as pessoas que se dedicam à crítica de arte, o que não existe na Europa. Se não voltasse, eu não chegaria, talvez, a formular estes trabalhos. Neste aspecto, o Brasil tem uma vitalidade que não se encontra na Europa.

O GLOBO — O Brasil tem esse lado bom. Já pensou no lado mau? Vende seus trabalhos?

IOLE — Falta ainda uma maior dinâmica na divulgação da obra de arte, entre instituições culturais, *marchands* e as galerias para que a obra circule mais. Mas há poucos e bons colecionadores onde posso guardá-los.

«Não sai caro expor em praças, mas sempre falta vontade política»

Iole de Freitas

NÓS VENDEMOS OS SEUS MÓVEIS e OBJETOS USADOS



Aqui você encontra a maneira mais prática e barata de comprar o que precisa, e vender também seus móveis e objetos usados que não é útil e ocupa espaço, ficarão cobertos por seguro de incêndio e roubo.

Rio / Petrópolis
Est. Rio Petrópolis nº 6200 / Km 5
Tel.: (021)771-5863 e 771-8168

PRÁ-LÁ & PRÁ-CÁ

Aberto aos domingos até 14 horas



CENTRO CULTURAL CANDIDO MENDES

CURSOS DE EXTENSÃO • PÇA. XV

M A R Ç O • 9 5

- **Leitura Dinâmica**
Luiza Cristina Amaro
- **S.O.S. Conquiste seu Cliente**
Angela Moura
- **Manuseio da HP 12-C**
Érico Rocha Masullo
- **Logomarca e Potfólio**
Vera Zunino
- **Produção Gráfica**
João Luiz Strucchiner
- **O Português no Direito**
Sonia Cury
- **Como criar uma Campanha Publicitária**
Marco Aurélio Cidade
- **Oratória**
Osicran Caldas/Waldete Machado
- **Telemarketing**
Waldete Machado
- **Qualidade em Marketing**
Idaci Mendes
- **Latim no Direito**
Geraldo Cernicchiaro
- **Comunicação na Era da Qualidade**
Giselle de Avellar
- **Mercosul e Paraísos Fiscais**
Jamil Inácio e Joaquim Inácio
- **Direito do Trabalho: Conflitos, Soluções e Perspectivas**
Luciano Viveiros
- **Formação de Analista de RH**
Carlos Henrique Franca

CANDIDO MENDES MARKETING CULTURAL

apoio cultural

BOAVISTA & **NOVAS IDEIAS**
ANTIGOS IDEIAS

CENTRO CULTURAL CANDIDO MENDES

R. da Assembléia, 10 sala 602 • Centro • Tels.: 531-1855/531-2000 r.: 252/256

Interpretação e JUNG
Sergio Brito e Nelly Gutmacher
ATOR - PALAVRA e CORPO
Moacyr Goes
AMBULÂNCIAS na CONTRA-MÃO
Marcio Viana
A DANÇA DOS ATORES
Leon Goes
DIREÇÃO TEATRAL
Giles Gwizdek
SHAKESPEARE
David Herman
INTERPRETAÇÃO TEATRAL
M^l Isabel de Lizandra - M^l Rita Almir Telles - Giorgio Ronna
ARTE e ESGRIMA
Gaspar Filho

Cursos Livres
1º Semestre - 95

Interpretação para TV
Sergio Luz e Sonaira D'Avila
CENOGRAFIA PARA TEATRO
João Gomes
PRODUÇÃO e MARKETING TEATRAL
Loly Nunes
TEATRO para CRIANÇAS e ADOLESCENTES
Alice Reis - Ine Bauman
Marcia Duvalle - Christine Braga
Thelma Lopes - Marina Henriques

INSCRIÇÕES ABERTAS
R. Rumania, 44
Tel. 2252384 e 5563063

CAL
CASA DAS ARTES DE LARANJEIRAS

auding

Aprender inglês é muito mais fácil e gostoso quando você estuda com prazer. Venha fazer parte desta turma descontraída que faz da Auding uma grande mania.

Este clima está em tudo na Auding:

Happy-hour • Conversation Club • Videoteca
Recursos de Multimídia
/CD-ROM • Debates • Exposições
• Palestras • Vários horários.

AUDING
IDIOMAS
O CURSO DO SEU TEMPO

Tijuca
Rua Padre Elias Gorayeb, 40
208-4949

Centro
Rua da Quitanda, 20/Sobreloja
224-5793

Botafogo
Praia de Botafogo, 228/gr. 711
552-5476